

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

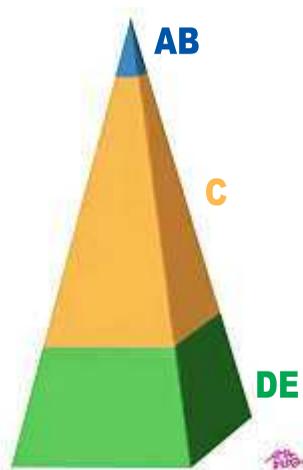
➤ A crise sistêmica é grave porque ela carrega dentro de seu bojo a possibilidade da destruição da vida sobre o planeta e, eventualmente, o desaparecimento da espécie humana. Os instrumentos já foram montados. Basta que surja um conflito de maior intensidade para abrir as portas do inferno nuclear, químico ou biológico

Para entender o fenômeno da crise

Raramente na história houve tanta acumulação de situações de crise como no atual momento. Algumas são conjunturais e superáveis. Outras são estruturais e exigem mudanças profundas, como, por exemplo, a reforma política e tributária brasileira. Mas há uma crise que se apresenta sistêmica e que recobre toda a Terra e a humanidade. Ela é ecológico-social. A percepção geral é de que, assim como a Terra se encontra, ela não pode continuar, pois pode nos levar a um quadro de tragédia, com a dizimação de milhões de vidas humanas e de porções significativas da biodiversidade.

Em sua encíclica sobre “o cuidado da Casa Comum”, o Papa Francisco diz sem torneios: “o certo é que o atual sistema mundial é insustentável, a partir de vários pontos de vista”. Em sua peregrinação pelos países mais pobres da América Latina, Equador, Bolívia e Paraguai, o discurso de mudança estrutural e da exigência de um novo estilo de produzir, de consumir e de habitar a Casa Comum foi repetidamente afirmado como algo impostergável.

A crise sistêmica é grave porque ela carrega dentro de seu bojo a possibilidade da destruição da vida sobre o



planeta e, eventualmente, o desaparecimento da espécie humana. Os instrumentos já foram montados. Basta que surja um conflito de maior intensidade, ou um louco fundamentalista, do tipo do ex-presidente Bush, para abrir as portas do inferno nuclear, químico ou biológico, a ponto de não termos nenhum ser humano sobrando para contar a história. Não podemos subestimar a gravidade desta última crise sistêmica e global.

Comungamos com a esperança do Papa

Francisco: há, no ser humano, um capital de inteligência e de meios, que nos “ajudam a sair da espiral de autodestruição em que estamos afundando”. E, finalmente, há Alguém maior, senhor dos destinos de sua criação, que é “o amante da vida”. Ele não permitirá que nos exterminemos miseravelmente.

É neste contexto que cabe um aprofundamento a respeito da natureza da crise, para podermos sair melhores dela. Desde o advento do existencialismo, especialmente com Sören Kierkegaard, a vida é entendida como processo permanente de crises e de superação de crises. Ortega y Gasset, num famoso ensaio de 1942, com o título “Esquemas das crises” mostrou que a história, por causa de suas rupturas e retomadas, possui a estrutura da crise. Esta obedece à seguinte lógica: (1) a ordem dominante deixa de realizar um sentido evidente; (2) reinam dúvida, ceticismo e uma crítica generalizada; (3) urge uma decisão que cria novas certezas e um outro sentido (mas como decidir se não se vê claro? porém, sem decisão não haverá saída!); (4) tomada uma decisão, abre-se, então, novo caminho e outro espaço para a liberdade. Superou-se a crise. Nova ordem pode começar.

A crise representa purificação e oportunidade de crescimento. Não precisamos recorrer ao ideograma chinês de crise para saber desta significação. Basta nos remeter ao sânscrito, matriz de nossas línguas ocidentais. Em sânscrito, crise vem de kri ou kri, que significa purificar e limpar. De kri vem crisol, elemento com o qual limpamos

ouro das gangas, e acrisolar, que quer dizer depurar e decantar. Então, a crise representa um processo crítico, de depuração do cerne: só o verdadeiro e substancial fica, o acidental e agregado desaparece.

Ao redor e a partir deste cerne, se constrói uma outra ordem, que representa a superação da crise. Ela se traduzirá num curso diferente das coisas. Depois, seguindo a lógica da crise, esta ordem também entrará em crise. E permitirá, após processo crítico de acrisolamento e purificação, a emergência de nova ordem. E assim sucessivamente, pois essa é a dinâmica da história.

O Brasil vive, há séculos, protelando suas crises, por faltar, às lideranças, a ousadia histórica de tomar decisões que cortem com o passado perverso. Sempre se fazem conciliações negociadas, a pretexto da governabilidade. Desta forma, sutilmente, se preservam os privilégios das elites e novamente as grandes majorias são condenadas a continuar na marginalidade social.

A crise do capitalismo é notória. Mas nunca se fazem cortes estruturais que inaugurem nova ordem econômica. Sempre se recorre a ajustes, que preservam a lógica exploradora de base, como ocorreu recentemente com a Grécia. Bem disse Platão, em meio à crise da cultura grega: “as coisas grandes só acontecem no caos e na krisis”. Com a decisão, o caos e a crise desaparecem e nasce nova esperança. Então se inicia novo tempo que, esperamos, seja mais integrador, mais humanitário e mais cuidador da Casa Comum.

Helder Januário da S. Gomes

É professor de Geografia do Ifes

➤ A população deve se unir em prol do patrimônio histórico, testemunho da trajetória dos que ali viveram

O prefeito vai, a paisagem cultural fica

O município de Santa Teresa vive um momento difícil na sua história, com a decisão do prefeito Claumir Antônio Zamprognio de demolir um casarão histórico localizado no centro da cidade. Em seu lugar, será construída uma ponte para viabilizar a circulação de automóveis.

A proposta coloca em risco outros casarões da região que já sofrem com os impactos da circulação de grandes veículos pelas ruas de Santa Teresa. Os moradores

temem que o aumento da circulação prejudique ainda mais o conjunto arquitetônico, que já apresenta rachaduras.

A população se mobilizou em defesa da preservação dessa paisagem histórico-cultural, que faz parte de seu patrimônio simbólico, edificado pelos homens que ali viveram ao longo dos últimos séculos.

Foi ao longo de sua história que o cidadão teresense contribuiu para que novos significados, símbolos e revelações fossem

criados e novas leituras fossem feitas sobre aquele espaço. É a partir do olhar de cada indivíduo que novas revelações são possíveis, e assim, continuarão trazendo significação para as futuras gerações.

A população que se manifesta teme a perda das referências criadas a partir de suas experiências com o espaço. Pois esse conjunto arquitetônico compõe uma paisagem, e toda paisagem é introjetada nos sistemas de valores humanos, revelando um modo de pensamento e de existência de um povo sobre o mundo em sua volta.

Nesses lugares constituíram, ao longo de suas histórias de vida, uma relação de pertencimento, de apego e de afetividade pelo lugar onde vivem, podendo a destruição dessas memórias e paisagens culturais afetá-los diretamente. A população

deve se unir em prol do patrimônio histórico-cultural, pois essa paisagem é um testemunho da história dos grupos que ali viveram nos últimos séculos, marcando uma identidade cultural local.

As interferências dos órgãos públicos não podem desconsiderar essas questões. As modificações tecidas na paisagem histórico-cultural precisam ser fruto de negociações com os cidadãos que vivem e produzem as cidades. A harmonia entre os interesses de crescimento econômico e de planejamento urbano com os desejos de preservação de identidade das populações deve ser o ponto fundamental para que as cidades possam se modernizar e, ao mesmo tempo, guardar suas histórias e culturas. Os prefeitos e suas administrações passam, mas o patrimônio histórico-cultural fica.